

**Breaking Bad (Chutando o Balde)**

O título tanto pode se referir ao grande sucesso da TV americana, série encerrada recentemente debaixo de aplausos do público e crítica, como também ao estado das coisas no Brasil. O seriado conta a história de um pacato professor secundário de química, que, ao se descobrir com um câncer de pulmão, resolve virar o jogo e começa a fabricar uma droga, metanfetamina. Acompanha-se, ao longo das cinco temporadas, a lenta e gradual degradação do caráter do personagem principal, Walter White, que deixa um rastro de mortes e destruição. É interessante notar que a maior dificuldade do protagonista na sua carreira no crime foi dar o primeiro passo. O resto foi uma escalada de atrocidades até o ápice final.

No Brasil, vivemos um processo de deterioração dos padrões minimamente aceitáveis de ordem, decência e civilidade. As cenas de destruição e vandalismo contra agências bancárias e lojas já são parte de nossa rotina. A última contagem indicava 430 agências bancárias destruídas pela turba mascarada vestindo preto, autodenominada *black blocs*. Um instituto científico foi invadido e os cães, usados para teste de medicamentos, foram roubados. A consequência foi a destruição de anos de pesquisa científica. A reitoria da USP continua ocupada por alunos que não concordam com o método de escolha do reitor. **Os exemplos são inúmeros, de como a nossa sociedade está 'breaking bad' ou chutando o balde.**

Se esse apodrecimento geral já afasta o investidor, mais ainda o assusta a maneira com a qual as nossas instituições tem reagido a essa verdadeira invasão bárbara. Algumas decisões controversas da justiça, que trazem insegurança jurídica:

- Negativa de reintegração de posse da reitoria da USP para a instituição, ainda invadida pelos alunos.
- Libertação, no dia seguinte, do casal de marginais que participou dos atos de vandalismo da foto ao lado.
- O STF mandou a Prefeitura do Rio de Janeiro voltar a pagar os professores grevistas, que agora recebem sem trabalhar.

**Um investidor mais atento consegue facilmente identificar nestas decisões a falta de respeito à propriedade privada (ou do estado), uma leniência com a selvageria e o estabelecimento do conceito que fazer greve no Brasil é algo muito fácil e cômodo.**

Se o ambiente jurídico e o clima nas ruas já não andam bons, o ambiente econômico continua descendo a ladeira, empurrado pelos *black blocs* governamentais. A última deles foi a renegociação das dívidas de estados e municípios, com intuito eleitoreiro de beneficiar a cidade de São Paulo. Antes, a dívida era corrigida pelo IGP-DI mais uma taxa de juros que ia de 6% até 9% ao ano. Agora as dívidas serão corrigidas por IPCA + 4% ou pela taxa Selic, o que for menor. Ou seja, é como se os estados e municípios estivessem captando dinheiro a uma taxa menor (ou igual) do que a própria República. **As contas fiscais, que já não iam bem das pernas, irão sofrer essa pressão adicional apenas para que governo de Fernando Haddad seja ajudado.** Convém lembrar que em 2002 a dívida de São Paulo era de apenas R\$ 10 bilhões e se a Prefeita Marta Suplicy (que tinha o atual prefeito em sua equipe) tivesse optado por amortizar R\$ 3 bilhões, o indexador teria sido IGP-DI + 6% não os atuais +9%. Essa decisão política (ela tinha o dinheiro em caixa) causou um prejuízo de R\$ 17 bilhões aos moradores da cidade. É o PT consertando uma lambança com outra lambança.

O atual governo só enxerga uma maneira de fazer as coisas: mais e mais gastos, de preferência tributando a população de maior renda. O atual alcaide de São Paulo, num ato populista, resolveu não aumentar as tarifas de ônibus. Naturalmente, isso tem um custo e adivinhem quem pagará? Os moradores dos bairros centrais, com aumento de IPTU que pode chegar a 75% em quatro anos. A exemplo do que ocorre na França, o que acontece quando os verdadeiros criadores de riqueza e de produção são taxados de forma espoliativa? Eles

simplesmente vão embora. Tudo tem limite. **Naturalmente essas farras fiscais já não enganam mais ninguém e esse mês o Brasil foi advertido (ao mesmo tempo) por dois organismos internacionais, o FMI e a OCDE.** Desde 2010 a dívida bruta do setor público subiu de 61% para 66% do PIB. 2014, ano de eleições, deve ser pior ainda.

Outro exemplo da estratégia de vender o almoço para comprar o jantar foi a licitação do campo de Libra, amplamente divulgada na imprensa. **O modelo de partilha adotado pelo governo de fato maximizou os ganhos de curto prazo do governo, que vai ter um reforço de R\$ 15 bilhões no seu caixa, porém o que é bom para o governo automaticamente não é bom para a Petrobrás.** Digamos que o leilão tivesse sido realmente um leilão, com competição entre as partes. Digamos que o vencedor tivesse feito um lance ousado, oferecendo 60% do lucro e não os 42% do lance mínimo. A Petrobrás, com participação compulsória de 30% em qualquer consórcio, teria sido obrigada a aceitar um projeto com taxa de retorno duvidoso. Nada contra se o seu capital fosse 100% do estado, mas não é. É o acionista minoritário dando boa vida para o estado. Paira no ar a dúvida de como a Petrobrás irá conseguir financiar 40% de um investimento estimado em USD 250 bilhões, se nem ao menos consegue aumentar os seus preços.

E quando olhamos para o consórcio único que levou, fica a dúvida do quanto mais caro o projeto sairá para atender as exigências de '*conteúdo nacional*'. Outra jabuticaba desse modelo é a estatal recém-criada, a PPSA, que mesmo sem ter colocado um centavo no projeto, terá poder de veto nas decisões operacionais e poderá decidir e arbitrar sobre custos e investimentos. Vai ser um casamento com a sogra dentro de casa e com poder de veto nas decisões do casal. **Tenho sérias dúvidas se, com tantos empecilhos, o projeto conseguirá sair do papel no tempo e no custo adequados.** E quando se olha a curva de preços do petróleo futuro, percebe-se que ela é declinante, já contando com a entrada maciça do gás de xisto americano na matriz energética mundial. Não é sem motivo que com tantos '*senões*', as grandes empresas americanas, canadenses e inglesas ficaram de fora.

É nesse ambiente de putrefação lenta e gradual de valores e instituições, que o investidor tem que defender (sim, defender!) a sua suada poupança.

Na renda fixa, o Banco Central aumentou a taxa de juros básica para 9,50%. **A inflação já dá sinais de aceleração para os últimos meses do ano, e é**

**interessante notar que algumas medidas técnicas (que indicam a persistência e a resistência do processo inflacionário) como o núcleo de inflação e o índice de difusão apontam para mais e não para menos inflação.** O mercado refez as contas e já estima que os juros terminarão 2013 em 10,00% ao ano. Será que o BC continuará a subir juros num ano que promete uma eleição disputada? Com isso os papéis pré-fixados ainda oferecem pouco prêmio e o mais indicado é ficar nos títulos pós-fixados.

A alocação em bolsa brasileira continua baixa. **Afinal, o atual patamar de preços pode ser muito caro, ou muito barato, de acordo com a agenda de quem ganhar a presidência em 2014.** A visibilidade é baixa ainda. Na categoria de multimercados continuamos também sem muito ânimo. De nossa seleção (dos melhores gestores) apenas 30% conseguem superar o CDI em 2013. **Mesmo com a intervenção do governo no mercado cambial, achamos que o atual patamar de 2,18-2,20 é atrativo para investidores de longo prazo e que busquem ativos não correlacionados com a economia brasileira.**

Para 2014 vemos maiores chances de ganho com ativos ligados às economias europeia e americana, que se encontram em processo de recuperação. **Em resumo, mantenha-se líquido e diversificado regionalmente.**

